



Leitura de mundo como conhecimento: apontamentos para uma relação entre teoria e verdade na Comunicação a partir da semiótica de Greimas¹

Flávio Augusto QUEIROZ E SILVA²
Universidade de Brasília, Brasília, DF

RESUMO

O artigo procura refletir sobre a relação epistemológica entre teoria e realidade na semiótica discursiva francesa, desenvolvida em torno dos trabalhos do linguista lituano Algirdas J. Greimas. Entendemos que tal semiótica, como uma maneira de inquirir sobre o sentido no mundo, busca compreender a realidade – e o que queremos provocar aqui é, justamente, a maneira como essa realidade é buscada e entendida. Deste modo, poderemos problematizar como a Comunicação como campo teórico discute (ou não) a realidade. Assim, vamos expor os fundamentos da semiótica greimasiana, alinhando-os ao método estruturalista, para então compreender qual é a realidade visada pelo escopo desta teoria. Finalmente, discutimos o conceito de *leitura humana de mundo*, proposto por Greimas para entender a formação do conhecimento como resultado de um método de análise.

PALAVRAS-CHAVE: epistemologia; leitura; realidade; representação; semiótica greimasiana

O presente artigo procura avançar em aspectos levantados pelo meu trabalho de conclusão de curso³, em que expus os fundamentos teóricos da semiótica francesa elaborada em torno dos trabalhos do linguista Algirdas J. Greimas (1917 – 1992). Naquela ocasião, apresentei a base conceitual da semiótica greimasiana, articulando o percurso gerativo do sentido com o conceito de “leitura de mundo”, configurando uma relação que chamei de “proposta epistemológica” do autor.

O avanço aqui proposto é motivado pelos estudos e pelas situações com os quais venho me deparando no curso de Mestrado em Comunicação. Nesse sentido, penso que é necessário o hábito de discutir, no nosso campo, a relação entre “linguagem”- “representação” e “realidade”-“verdade”, como caminho para problematizar o modo pelo qual algumas de nossas pesquisas ou debates encaram (ou não) essa conexão.

¹ Trabalho apresentado no GP Semiótica da Comunicação, XI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando do Curso de Comunicação da Universidade de Brasília, email: flavio.aqs@gmail.com

³ SILVA, Flávio Augusto Queiroz e. **A proposta epistemológica de A. J. Greimas a partir da relação entre a leitura e a estrutura profunda da significação**. 2010. 109 f. Monografia (Graduação) - Curso de Jornalismo, Universidade de Brasília, Brasília, 2010.



É comum depararmos-nos na graduação e na pós-graduação com o não questionamento do que se entende, na Comunicação, por “representação” ou “realidade”, o que configura um obstáculo para o avanço do conhecimento. O objetivo aqui é tomar esse primeiro incômodo como motivação para resgatar, na semiótica de Greimas, as bases teóricas para melhor entender o que pode ser entendido como mundo real e como ele se relaciona com as representações.

Por exemplo, o conceito de “realidade” permite diversas interpretações, até mesmo nas diferentes orientações (escolas) semióticas. Abordando esta questão e suas problemáticas no campo da semiótica francesa, poderemos, em discussões futuras, melhor conhecer, questionar e argumentar as visões apresentadas pela Comunicação⁴.

Para isso, partimos de uma apresentação rápida dos principais pontos levantados pela teoria de Greimas, destacando como ela formula, mais do que uma ferramenta para análises de produtos culturais (narrativas, mitos, filmes, textos, imagens), um questionamento sobre a presença do sentido no mundo, em sua conexão com a interpretação e o conhecimento humanos.

Em seguida, discutimos conceitos-chave trabalhados pela teoria, como, por exemplo, “leitura”, “representação” e “verdade”, que, alinhados ao método estruturalista pelo qual a semiótica greimasiana opera suas análises, permitem compreender o caminho pelo qual esse sentido no mundo está sendo buscado.

Daí, finalmente, podemos problematizar sobre a relação estabelecida entre a teoria greimasiana e a realidade, entendendo que essa semiótica, como todo olhar sobre o mundo, é um caminho para se melhor conhecer e questionar o real, decorrendo daí que ela pode, também, oferecer os elementos para refletir sobre seus próprios rumos junto à realidade – no modo como ela é pensada –, seus alcances, suas limitações.

1. Antecedentes e formulações do percurso gerativo do sentido

As formulações do lituano Algirdas J. Greimas se dão na continuidade com trabalhos de linguistas como o dinamarquês Louis Hjelmslev, mas mantendo-se ainda

⁴ Esse é o motivo pelo qual essa questão está sendo levantada em um debate sobre Comunicação, e não nas Artes, Linguística, Filosofia da linguagem etc. Apesar de interessar também a esses domínios, o tema realidade-representação perpassa frequentemente as pesquisas em Comunicação porque a relação entre mídia e mundo (fatos, sociedade) é uma relação de representação e realidade. O debate buscado aqui é uma etapa de um programa maior de pesquisa que nos permitirá, ao fim, entrar especificamente na Comunicação.



bastante fiel e ampliando francamente os ensinamentos do suíço Ferdinand de Saussure (HÉNAULT, 1997, p.125).

O ponto inicial de Greimas é a “tentativa de aplicar métodos de pesquisa da linguística estrutural à análise de textos” (NÖTH, 1996, p.146), estabelecendo-se aqui que *texto* se define por sua autonomia e fechamento (TODOROV, 1972, p.375). O lituano resgata ainda postulados da antropologia estrutural de Lévi-Strauss e da teoria formalista do conto de Vladimir Propp, que serão explanados mais à frente.

O objetivo primordial é, portanto, a análise semântica de estruturas textuais baseada na lexicologia estrutural (NÖTH, 1996, p.146). Nesse projeto de análise, procura-se o “conjunto de relações responsáveis pelo sentido do texto” (FIORIN: 1995, p. 5), com foco na rede de relações que se articulam no plano do conteúdo para fazer o texto significar. O principal é, portanto, à luz de uma preocupação metodológica, refletir sobre a construção dos caminhos que permitem o sentido.

Greimas orientou-se nessa empreitada pelo estruturalismo, que, na linguística, encontrou ecos férteis a partir dos estudos de Saussure. O suíço entendia que a língua é um sistema cujo sentido não jaz nas relações das palavras com os objetos, mas, sim, nas relações que os elementos desse conjunto mantêm entre si e com o todo (SAUSSURE, 1915, p. 136). Estudar essas relações no sistema permitiria compreender seu funcionamento:

Um sistema se compõe essencialmente de diferenças significativas. “Diferença” supõe “relação” e não se refere aqui a um modelo de tipo ontológico. Um sinal é sempre uma diferença, e esta diferença é significativa (isto é, tem sentido) em razão de sua posição no conjunto do sistema ao qual pertence. [...] O sentido é sempre relativo, é expressão de uma posição num conjunto, resulta das relações que o elemento entretém com os outros elementos do sistema [...] *Definir, compreender, é relacionar, é perceber diferenças entre o elemento estudado e outros elementos relacionados a ele no sistema, mas distintos dele*⁵. (LEPARGNEUR, 1972, p. 19)

O sistema semântico fundamental “responsável pelo sentido do texto” é uma oposição dual entre dois elementos, por exemplo, vida vs morte, natureza vs cultura. Essas oposições compõem categorias semânticas profundas, universais, abstratas e anteriores a qualquer aplicação, que podem ser visualizadas na formatação lógica de quadrados semióticos, como abaixo:

⁵ Grifo nosso.

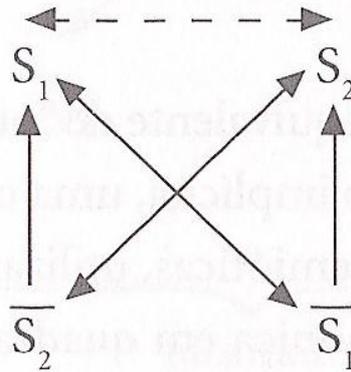


Figura 1 (GREIMAS; COURTÉS, 1979)

Nesse modelo, cada elemento da categoria *S* mantém com os outros uma relação lógica de contradição (a título de exemplo: *S*₁ com ~*S*₁), contrariedade (*S*₁ com *S*₂) ou complementaridade (*S*₁ com ~*S*₂). O quadrado semiótico, “apreendido fora de todo campo de sentido particular, concretizava e explicitava, talvez pela primeira vez, no campo das ciências humanas, uma estrutura autêntica” (HÉNAULT, 1997, p. 143).

Aqui entra a herança deixada pela antropologia estrutural de Claude Lévi-Strauss:

A ideia fundamental de Lévi-Strauss é que, subjacentes às narrativas e, em particular, aos mitos, existem categorizações semânticas profundas articulando valores, constituindo códigos inconscientes (de parentesco, naturais, cosmológicos, etc) e que se projetam nas articulações sintagmáticas. As categorias semânticas profundas são universais do imaginário, distintas do semantismo lexical superficial manifesto. (ÁLVARES, 2000, p. 12).

Os princípios de análise da antropologia de Lévi-Strauss “centravam-se na mudança do estudo dos fenômenos conscientes para o estudo da sua infra-estrutura inconsciente” (NÖTH, 1996, p. 113), levando a pensar que os elementos das categorias semânticas “não são significações *referencialmente definíveis*. São espécies de ‘pregnâncias’ psíquicas (pulsões e/ou ideologias) ‘que dão sentido à vida’” (PETITOT *apud* ÁLVARES, 2000, p. 12).

A base do sentido no texto reside, então, na sua capacidade de evocar ou movimentar uma pulsão inerente à mente humana e portanto à cultura (as categorias semânticas são articuláveis por qualquer cultura porque lidam com valores ligados a relações gerais do homem com o mundo: natureza/cultura, vida/morte, masculino/feminino, sagrado/profano, paz/guerra etc). Porém, tais elementos permanecem estéreis se não forem articulados numa sequência, num eixo sintagmático que lhes confira uma articulação e, portanto, uma *narratividade*.

Greimas extraiu de Vladimir Propp, Etienne Souriau e Georges Dumézil os fundamentos do esquema narrativo (sintático) básico do texto. Propp, em sua análise de contos do folclore russo, percebeu que, apesar das diferenças entre personagens de um conto para outro, as ações desempenhadas e o modo como se desenvolviam nas histórias eram basicamente os mesmos, o que o fez considerar esses contos “idênticos, pois as ações dos protagonistas o eram”.

Assim, ele foca a abordagem “a partir do ponto de vista das ações que cumprem os protagonistas” (PROPP, 1964, p. 54), chamando-as “funções” e levando a crer que as personagens são indissociavelmente ligadas a sua própria ação. Souriau e Dumézil chegaram a conclusões semelhantes estudando o teatro e as narrativas mitológicas.

A conclusão desses estudos é que, não importam as características superficiais das personagens, elas sempre realizam um mesmo inventário de ações. Greimas ampliou os alcances dessa conclusão tentando articulá-la em termos mais gerais; por isso, substituiu o termo “personagem” por “actante”: “aquele que realiza ou sofre o ato, independentemente de qualquer outra determinação” (GREIMAS, COURTÉS, 1979, p. 20) e indica “um tipo de unidade sintática, de caráter propriamente formal, anteriormente a qualquer investimento semântico e/ou ideológico” (*idem*).

Ele chegou assim a um *modelo actancial* sustentado por relações sintáticas básicas, cujo centro de análise não é *o que* os actantes fazem, mas *como eles podem agir*:



Figura 2 (NÖTH, 1996)

Tem-se assim a constituição das estruturas sêmio-narrativas do enunciado: o quadrado semiótico permite compreender o nível profundo, e o modelo actancial refere-se ao nível de superfície, que se dá no momento em que as cargas semânticas básicas do texto (semas – vida/morte, por exemplo) entram em conjunção ou disjunção com os sujeitos sintáticos, em programas narrativos.



O sentido se estabelece assim em um percurso gerativo,

a partir da hipótese do estabelecimento de uma lógica de unidades semânticas fundamentais, quase-universais (estruturas elementares, oposições e quadrados semióticos), até a visão dos textos como a manifestação mais sensível, material e iconicamente realizada do processo (MANGIERI, 2006, p. 104).

O percurso gerativo do sentido pode ser assim compreendido:

	Sintaxe	Semântica
Nível profundo	Sintaxe fundamental	Semântica fundamental
Nível de superfície (estruturas sêmio-narrativas)	Sintaxe narrativa de superfície	Semântica narrativa
	Sintaxe discursiva	Semântica discursiva

Tabela 1

Cada etapa deste *caminho* sugere um momento específico de coordenação e articulação do sentido na arquitetura geral do texto. A existência de um olhar que pode ler *através* do texto corrobora os estudos de Hjelmslev sobre a linguagem, para quem o signo contém planos estratificados, incluindo aí o plano das “figuras”, unidades mínimas (reveladas também pelas investigações em fonologia) abstratas que precisam articular-se a planos superiores para fazer sentido.

Com este percurso, sugere-se como ocorre a leitura do texto: “as ‘leituras gerativas’ dos textos (não importam as materialidades significantes) são vistas essencialmente como percursos indutivos: o ‘decifrado’ dos textos deve comprovar a existência virtual do nível sêmio-narrativo da significação” (MANGIERI, 2006, p. 104).

2. Leitura e efeito de sentido: um esboço para o entendimento da realidade textual

É importante localizar que, apesar do percurso gerativo estar na proposta do texto, ele não se basta a si mesmo: o leitor ocupa aí um lugar importante. O sentido decorre de um processo de reconhecimento operado pelo enunciatário, que se depara com o objeto semiótico e deve decompô-lo em elementos menores, relacionando-os, percebendo aí as diferenças, as equivalências, até por fim recompô-lo em conjuntos de significação que se constituam em uma verdadeira rede de relações. É esse processo de reconhecimento, decomposição e reconstituição das relações a que chamamos “leitura”.

Pensar sobre o lugar ocupado pela leitura na teoria greimasiana permite abordar nosso objetivo refletindo sobre a própria conexão epistemológica entre teoria e realidade. Isso porque a análise da “leitura” nos obriga a abordar conceitos tais como “efeito de sentido”, “contrato”, “enunciação”, localizando-os no panorama intelectual do estruturalismo e percebendo, assim, que esses termos colocam um questionamento importante sobre o *relacionar-se do homem com o sentido*.

A problemática da leitura agrega ainda questões como as que concernem a conexão do texto com o referente, principalmente nas pesquisas direcionadas à visualidade, em um campo conhecido como semiótica plástica cujo mérito foi estender a questão da representação para além do logocentrismo⁶ (FONTANILLE, 2005).

Porém, a leitura não se torna problema específico da visualidade, porque permite entender o percurso gerativo do sentido em qualquer tipo de texto. É em “Semiótica figurativa e semiótica plástica” (1984), do próprio Greimas, que podemos acompanhar a discussão em torno do termo “leitura”. Nesse artigo propõe-se uma reflexão sobre a necessidade de se estudar o sentido dos sistemas visuais, levando em conta seu caráter construído apesar de fortemente motivado pela semelhança com o mundo dito “natural” (GREIMAS, 1984, p.75).

Percebemos aí uma referência à semiótica de Charles S. Peirce – ao reconhecer que as imagens guardam uma relação de semelhança com o objeto representado, Greimas se aproxima da noção de “referência” da semiótica peirceana, entendida como “motivada”, por causa dessa “semelhança ou contiguidade” que o signo estabelece com o objeto (GREIMAS: COURTÉS, 1979, p.413).

No entanto, Greimas retrabalha a noção de “referência motivada” devido à influência herdada da proposta saussureana, que entende essa mesma referência como “arbitrária” (*idem*). A consequência dessa posição é entender o texto como *simulacro construído* e, portanto, requer buscar a referência ao nível das relações textuais: determinado conteúdo refere-se a um objeto do mundo se suas relações constitutivas aproximam-se das relações constitutivas do referente.

Nesse sentido, desaparece da análise semiótico-estruturalista a preocupação com a existência do referente como *objeto no mundo*, procurando valorizar a autonomia do texto em relação ao seu contexto externo.

⁶ Logocentrismo é a ação de reconhecer um elemento da imagem como elemento lexicalizado, recorrendo à língua natural; nesse caso, “a figura percebida na imagem tem um nome na língua; é, portanto, um ícone” (FONTANILLE, 2005: 101). É essa dependência da língua natural no processo de leitura que a semiótica greimasiana procura ultrapassar.

O mundo extralinguístico, o mundo do “senso comum”, é enformado pelo homem e instituído por ele em significação, e tal mundo, longe de ser o referente, é, pelo contrário, ele próprio uma linguagem biplana, uma semiótica natural (ou do mundo natural). O problema do referente nada mais é então do que uma questão de cooperação entre duas semióticas, um problema de intersemiotividade (intertextualidade). Concebido desse modo como semiótica natural, o referente perde, assim, sua razão de existir enquanto conceito linguístico (GREIMAS; COURTÉS, 1979, p. 415).

No contexto da referência entendida como intertextualidade, o mundo natural se desfaz como ocorrência de fatos brutos, separados do texto, e comporta-se como *linguagem já estruturada*, uma consequência do fato de que

para Greimas, a *língua natural* e o *mundo natural* não estão separados, mas sim, ao contrário, *amalgamados como um monograma*. Os objetos e coisas do mundo se consideram como já estruturados (...) sobre uma relação sujeito-objeto considerada mais como *encontro* ou *fusão* que como intercâmbio de informação. Dito de outro modo, *as diferenças estão já dadas no mundo*. (MANGIERI, 2006, p. 110).

Aparece aí um primeiro entendimento de “realidade”: pensada como aquilo a que o texto se refere intertextualmente, essa realidade é proposta como linguagem que, como todo texto, também funciona sob a ordem das estruturas. Sugerimos entender então que o “mundo natural” (ou “linguagem biplana”, ou “semiótica natural”) é uma “realidade textual”.

Mergulhado em um universo que não diferencia entre coisas e linguagem, o sujeito opera com a significação em duas frentes: por um lado, como enunciador, lidando com as relações presentes no mundo e reestruturando-as, formando artifícios semióticos, que produzem sentido de acordo com regras sintáticas e semânticas: “a presentificação de uma *aparência* do universo, que, ao invés de excluir outras, com essas coexiste, é uma das várias elaborações discursivas do sujeito cognitivo” (OLIVEIRA, 2004, p. 123); por outro, como enunciatário ou leitor, identificando as relações constituídas no texto, comparando e organizando grandezas, na trilha do percurso gerativo do sentido.

Visto que não há importância de um referente externo, a eficácia do texto em dizer uma informação verdadeira reside em um referente interno; a própria verdade reside no bom funcionar textual, de acordo com uma coerência interior. O discurso se torna um simulacro no qual existem apenas “efeitos de sentido” – inclusive os efeitos de representação – produzidos pelos nossos sentidos (SANTAELLA; NÖTH, 2004) e que variam de acordo com a estruturação do texto. Isso se dá pelo dizer-verdadeiro, a



veridicção, que é definida como uma “propriedade intrínseca do dizer e do dito” (GREIMAS; COURTÉS, 1979, p.415).

O enunciado é também veículo de um *contrato fiduciário* estabelecido entre enunciador e enunciatário; o bom funcionamento desse contrato que se faz crer verdadeiro garante-se na própria estruturação do texto, em si mesmo carregando uma proposta de sentido que funciona pela construção de um enunciador intrínseco e um provável enunciatário. Em outras palavras, “o nível do enunciatário tem de ser previsto pelo enunciador. Na construção de um discurso que deixa assim aparecer a presença do enunciatário, o enunciador também o *constrói*” (SANTAELLA; NÖTH, 2004, p.122).

Desta breve exposição, vamos percebendo a preocupação epistemológica da semiótica greimasiana, isto é, sua *inquirição* como questionamento profundo e vontade de saber – no caso, saber sobre a relação cognitiva estabelecida entre homem e significação. Na próxima seção, vamos discutir propriamente a noção de “leitura de mundo” para concluir de que modo essa preocupação se sustenta conceitualmente e saber a que respostas chega.

3. Leitura de mundo na semiótica greimasiana e realidade epistemológica

Pensamos que o conhecimento científico busca aproximar-se do real. Vemos, na trilha de Peirce, que fazer nossas opiniões coincidirem com os fatos “é prerrogativa do método científico” e que “podemos descobrir, através do raciocínio, como as coisas realmente são” (PEIRCE, 1934, p.88). No eixo de Greimas, também percebemos esse método científico como percurso comprometido com o *conhecer*: “o discurso científico apresenta-se como uma *aventura cognitiva*. Uma vez que o objeto-saber é o objetivo do discurso, torna-se evidente que o estado inicial de onde parte a busca é um estado de não-saber” (GREIMAS, 1976, p. 11).

Desse modo, “uma das razões da semiótica é chamar à existência novos domínios de interrogação do mundo” (GREIMAS, 1984, p.75). Para o lituano, porém, “se as ciências da natureza se indagam para saber como são o homem e o mundo, as ciências do homem se interrogam sobre o que significam um e outro” (GREIMAS, 1966, p. 11).

A inquirição sobre a significação constitutiva do homem e do mundo é, portanto, para Greimas, a motivação primeira e geral das ciências humanas. Por isso, a semiótica greimasiana busca constituir-se como análise daquilo que é produzido nas tradições



culturais (os *textos*), mas, antes, para tanto, problematiza como questão fundamental a relação entre homem e mundo: “percebemos diferenças e, graças a esta percepção, o mundo toma forma diante de nós e para nós” (GREIMAS, 1966, p. 28).

O “perceber diferenças” é então o *método* pelo qual o homem lida com o mundo em sua dimensão significativa; põe em relação, compara grandezas, organiza em conjuntos, notando semelhanças e disparidades. Evita-se assim estudar a linguagem em sua relação com *coisas* externas⁷, mas, sim, seu funcionamento no seio de um *contexto semiótico*: “o texto contém e deveria registrar internamente *tudo aquilo necessário e suficiente para descobrir sua significação*” (MANGIERI, 2006, p. 94).

Essa hipótese está refletida também no modo como foram lançadas as bases do estudo da significação visual na semiótica plástica, disciplina para a qual as representações visuais comportam-se principalmente como *construções*. Nesse plano, as configurações pictóricas – convivendo em paralelo ao mundo natural como mais uma elaboração enunciativa – só podem significar na sua relação com a mente humana, que deve operar por meio de uma *análise*.

Elas [as figuras do mundo natural] não podem ser reconhecidas como objetos a não ser que o traço semântico “objeto” (enquanto algo que se opõe, por exemplo, a “processo”) – de ordem interoceptiva e não exteroceptiva, já que não está inscrito na imagem primeira do mundo – venha juntar-se à figura para transformá-la em objeto; supondo que reconheçamos, a seguir, esta ou aquela planta, este ou aquele animal, as significações “reino vegetal” ou “reino animal” farão parte da *leitura humana do mundo* e não do próprio mundo (GREIMAS, 1984, p.79).

Vemos aí a função central da análise – como aquilo que permite reconhecer, comparar, organizar, hierarquizar elementos – para a constituição do exercício de leitura. Se essa *leitura humana do mundo* nasce justamente da relação entre homem e mundo, na busca pelo sentido, podemos identificá-la facilmente com o próprio *conhecimento*, porque:

É este crivo de leitura que nos torna significante o mundo ao nos permitir identificar as figuras como objetos, ao nos permitir classificá-las, relacioná-las umas às outras, interpretar os movimentos como processos, etc; sendo de natureza semântica – e não visual, auditiva ou olfativa, por exemplo – ela serve de “código” de reconhecimento que torna o mundo inteligível e manuseável. Compreende-se então que é a projeção desse crivo de leitura – uma espécie de “significado” – do mundo – sobre uma tela pintada que nos permite reconhecer o

⁷ No máximo, como já apontamos, com outra “linguagem biplana” já estruturada: o mundo pensado como co-texto.

espetáculo que, segundo se pensa, ela representa (GREIMAS, 1984, p.79).

Como produto de um método de análise, constitui-se uma competência de leitura que, em outras palavras, é um *conhecer* que possibilita ao homem relacionar-se com o mundo, interpretar processos, desvelar sentidos e, enfim, trazer os objetos do mundo para a esfera da inteligibilidade. Esse conhecimento é o que permite, também, de maneira análoga, questionar sobre o funcionamento de qualquer texto.

O movimento epistêmico do *conhecer e analisar* se dá, então, circularmente: na procura metodológica pelo “como se constitui o sentido”, a semiótica greimasiana opera por um método de análises textuais. Atravessa o texto e lhe extrai a estrutura profunda. Desse procedimento, cria-se uma *leitura de mundo* que é um *conhecimento de mundo*. Em seguida, essa leitura possibilita melhor questionar e buscar o sentido de novos textos.

Organizamos no diagrama abaixo a maneira como pensamos esse movimento:

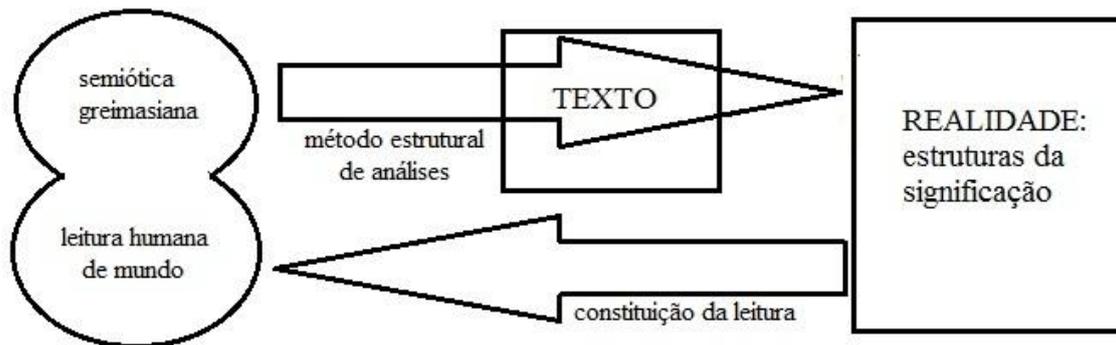


Figura 3

Aparece aqui, então, o que sugerimos entender por *realidade epistemológica*: é o alvo de interesse da semiótica greimasiana como maneira de compreender o mundo. Essa realidade se encarna na figura das estruturas textuais: elas sustentam todos os discursos e são elas (não os textos em si) que podem ser apreendidas e estudadas pelo rigor da análise, fornecendo, assim, indícios de como os textos funcionam e o que significam.

Como apontamos anteriormente, a reflexão metodológica postulada por Greimas é estreitamente alinhada ao estruturalismo: “permanece fiel ao modelo dicotômico do estruturalismo francês de fins do século XIX”; “todo seu edifício teórico pode ver-se como defesa e sustentação dos *princípios fundamentais do estruturalismo moderno*” (MANGIERI, 2006, p. 92).



Também apontamos que os modelos de Greimas carregam a proposta científica de Ferdinand de Saussure, que “provocou uma revisão radical da metodologia das ciências humanas” ao alinhar a linguística à ciência das leis (HÉNAULT, 1997, p.15), e de antecedentes como Louis Hjelmslev, para quem a análise textual deveria ter sua “homogeneidade” garantida pela autonomia do texto.

Para que isso seja possível, Greimas apóia-se na “hipótese forte de que as estruturas semânticas são anteriores às suas múltiplas manifestações” (MANGIEIRI, 2006, p. 94). Significa que as operações de análise que resultam no estabelecimento de uma leitura – isto é, de *um conhecimento como produto do método* – são, afinal, operações de um método estruturalista e, portanto, almejam ao entendimento não da superfície dos enunciados, mas, sim, de sua estrutura profunda, lógica e abstrata, invariável e, portanto, inteligível. É essa estrutura que funciona como o “real” da semiótica de Greimas enquanto método científico.

Trazer o mundo à inteligibilidade na busca pelo real nada mais é, então, do que esforçar-se para entender sua própria constituição e confirmar sua estruturação profunda, suas leis de funcionamento. A existência de estruturas lógico-semânticas elementares consideradas como quase-universais é justamente o que torna possível descobrir a significação textual (MANGIEIRI, 2006, p. 94), e não qualquer outra relação.

As consequências deste modelo em relação ao entendimento do “conhecer” consistem em conceber este conhecer como produto de relações estruturadas racionalmente, apostando na primazia de sistemas semânticos mentais inatos ao homem (categorias semânticas), pelos quais a significação pode ser construída. Assim, toda análise textual deve comprovar, em última instância, a realidade das estruturas que sustentam os discursos.

O que alimenta esta abordagem é que ela compreende a aquisição de conhecimento como uma ocorrência inteiramente racional, que depende fortemente das façanhas da lógica formal (o lado tangível da racionalidade), em que essa racionalidade, ela mesma, é vista como algo auto-suficiente, pairando muito acima do sempre mutável mundo da experiência (WAAL, 2007).

Ou, ainda:

Segue-se que o objeto de busca do pensamento estruturalista se constituirá das estruturas permanentes nas quais os atos humanos individuais, as percepções e os posicionamentos se enquadram, e das quais derivam sua natureza final. Esse projeto finalmente envolverá o “uma busca explícita das estruturas permanentes da própria mente, as

categorias e formas organizacionais pelas quais a mente é capaz de experimentar o mundo” (HAWKES *apud* DEELY, 1990, p.21).

É verdade que os esforços da teoria greimasiana concentram-se basicamente no entendimento das “estruturas permanentes da própria mente” e que a análise estruturalista, à qual se afilia esta semiótica, busca entender as leis de funcionamento e constituição do objeto em um plano profundo, para além de transformações superficiais – para além, inclusive, de *transformações quaisquer*, visto que elas afetam a pureza da descrição e a caracterização da lei ou “código profundo” como algo que jamais muda.

Também é verdade que o mundo real é recolocado pela visão lingüística de que “realidade” não é o mundo das coisas, mas, ao contrário, é ela também uma linguagem em que *apenas o funcionamento de suas estruturas é real*⁸. Assim, cruzamos a *realidade textual* (linguagem biplana – aquilo a que o texto se refere) com a *realidade epistemológica*: a última sustenta o funcionamento da primeira.

O resultado disso é a separação entre *mundo das coisas* e *representação*: o texto pode ser separado de seu mundo circundante, de seu contexto criador, para ser analisado em termos de funcionamento estrutural.

No entanto, ao trabalhar, já ao final da vida (1984), a ideia de *leitura humana de mundo* associando-a àquilo que permite ao homem melhor relacionar-se com ele e questionar-se sobre o estatuto da representação textual, Greimas situa que essa leitura (como já argumentado, outro termo para *conhecimento*) é oriunda, ela também, de uma relação epistêmica com o mundo (“supondo que reconhecemos esta ou aquela planta, este ou aquele animal...”).

Nesse sentido, gostaria de colocar aqui uma questão final, pensada espontaneamente (no sentido de uma abdução) como resultado deste processo de estudo e escrita⁹: ao situar que uma *leitura* (conhecimento) resulta de operações como comparar e relacionar grandezas (reino animal vs reino vegetal) – operações que resultam de um *experimentar* com o mundo – e que essa leitura torna-o manuseável e cognoscível, não estaria Greimas valorizando a experiência cotidiana no processo de aquisição do conhecimento, para além da supremacia *a priori* das estruturas?

⁸ Nesse sentido, a postura epistemológica da semiótica greimasiana é em certa medida platônica: todas as situações que nos aparecem como *textos* são, de fato, imagens sensíveis na superfície de algo mais atrás, imutável, igual a si mesmo e por isso verdadeiro/real: as estruturas.

⁹ Concordamos com o epistemólogo francês Gaston Bachelard na medida em que “um método científico é um método que procura o risco. Seguro de sua conquista, arrisca-se numa aquisição. A dúvida está à sua frente e não atrás como na via cartesiana” (BACHELARD, 1977, p.136).



REFERÊNCIAS

BACHELARD, G. Conceitos fundamentais do racionalismo aplicado. In: **Epistemologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

DEELY, John. **Semiótica básica**. São Paulo: Editora Ática, 1990. pp. 17-26

DUCROT, O.; TODOROV, T. **Dictionnaire encyclopédique des sciences du langage**. Paris: Éditions du Seuil, 1972.

FONTANILLE, J. Iconicidade da imagem e estabilização da forma. In: **Significação e visualidade: exercícios práticos**. Porto Alegre: Sulina, 2005.

GREIMAS, A. J. (1966). **Semântica estrutural: pesquisa de método**. São Paulo: Cultrix, 1973.

GREIMAS, A. J. (1970). **Sobre o sentido: ensaios semióticos**. Petrópolis: Editora Vozes, 1975.

GREIMAS, A. J. (1984). Semiótica figurativa e semiótica plástica. In: OLIVEIRA, Ana Claudia de. (Org.) **Semiótica plástica**. São Paulo: Hacker Editores, 2004.

GREIMAS, A. J. **Semiótica do discurso científico + da modalidade**. São Paulo: Difel Difusão, 1976. pp. 55-86

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. (1979). **Dicionário de semiótica**. São Paulo: Contexto, 2008.

HÉNAULT, A. (1997). **História concisa da semiótica**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

LEPARGNEUR, François Hubert. Saussure e a linguística. In: **Introdução aos estruturalismos**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1972.

NÖTH, W. **A semiótica no século XX**. São Paulo: Annablume, 1996.

OLIVEIRA, Ana Claudia de. As semioses pictóricas. In: _____. **Semiótica plástica**. São Paulo: Hacker Editores, 2004.

PEIRCE, C. S. (1932). A fixação das crenças. In: **Semiótica e Filosofia**.

PROPP, V. J. (1964). Estructura e historia en el estudio de los cuentos. In: LÉVI-STRAUSS, C. (Org.) **Polemica Lévi-Strauss-Propp**. Madrid: Editorial Fundamentos, 1972.

SANTAELLA, L.; NÖTH, W. Greimas: Comunicação como enunciação. In: **Comunicação e Semiótica**. São Paulo: Hacker Editores, 2004. pp. 113-126.
São Paulo: Cultrix, S/ DATA.



SAUSSURE, F. (1915). **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 1973.

WAAL, C. **Sobre pragmatismo**. São Paulo: Edições Loyola, 2007.